

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UniCEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE – FACES
CURSO DE ENFERMAGEM

GEOVANA RUFINO DE OLIVEIRA

**EMOÇÕES RELATADAS POR VÍTIMAS DE BULLYING NAS REGIÕES DE
ENSINO NO DISTRITO FEDERAL**

Trabalho de conclusão de curso, apresentado em forma de artigo ao Centro Universitário de Brasília, como parte das exigências para a obtenção do bacharelado em enfermagem, sob orientação da Profa. Dra. Julliane Messias Cordeiro Sampaio.

Brasília

2018

Emoções relatadas por vítimas de *bullying* nas regiões de ensino no Distrito Federal

Geovana Rufino de Oliveira¹

Julliane Messias Cordeiro Sampaio²

Resumo

Este estudo tem como finalidade de compreender sobre as emoções das vítimas de *bullying* para que se interrompa o ciclo desse tipo de violência. Trata-se de um estudo transversal, quantitativo, desenvolvida a partir da aplicação de um questionário estruturado da pesquisa de maior magnitude intitulado: “A atuação da enfermagem no diagnóstico situacional do *bullying* escolar na Capital Federal”. Dentre os resultados encontrados, destaca-se o gênero feminino em maior quantidade entre as vítimas (66,66%), e entre as emoções em ambos os sexos o sentimento de raiva, tristeza e a vontade de não ir mais a escola. Esse tipo de violência tem colocado e adolescentes em situação de vulnerabilidade podendo impactar de maneira negativa o desempenho escolar e futuramente na vida adulta, diante disso, a enfermagem se faz necessária para detecção do diagnóstico desse fenômeno e para implementação de medidas que visem a redução dessa violência.

Palavras chave: Violência; Bullying Escolar, Enfermagem

Feelings reported by bullying victims in teaching regions in the Federal District

Abstract

This study aims to understand the emotions of victims of bullying to stop the cycle of this type of violence. This is a cross-sectional, quantitative study developed from the application of a structured questionnaire of the highest magnitude research entitled: "The nursing performance in the situational diagnosis of school bullying in the Federal Capital". Among the results found, the female gender was the most among the victims (66.66%), and among the emotions in both sexes the feeling of anger, sadness and the desire to not go to school anymore. This type of violence has placed adolescents in a situation of vulnerability and can negatively impact school performance and in adult life, and nursing is necessary to detect the diagnosis of this phenomenon and to implement measures aimed at reducing this violence.

Keywords: Violence; Bullying, School, Nursing

¹ Acadêmica do curso de enfermagem da Faculdade de Ciências da Saúde – UNICEUB.

² Doutora em Enfermagem. Professora Titular do curso de Enfermagem da Faculdade de Ciências da Saúde – UNICEUB.

1 INTRODUÇÃO

Entender as questões do *bullying*, significa reconhecê-lo como um problema nas relações entre pares, que manifesta de maneira multifacetada. Esse fenômeno ocorre em qualquer idade, em escolas públicas e privadas, independe da situação socioeconômica dos envolvidos. As pesquisas nacionais e internacionais têm conceituado o *bullying*, como a violência sofrida e perpetrada por aluno(s) em ambiente escolar, de maneira agressiva e violenta tendo a intencionalidade, repetitividade e desequilíbrio de poder usados como critérios de caracterização. Dessa maneira, engloba as violências física, a intimidação verbal, escrita, moral, social, psicológica, material e, utilizando difamação e fofocas disseminadas via redes sociais, esta denominada cyberbullying (ZOTTIS, 2012; KOUWENBERG, 2012; MOURA; CRUZ; QUEVEDO, 2011).

Esse tipo de violência tem colocado crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade podendo impactar de maneira negativa o desempenho escolar. O *Bullying* é um fenômeno multifatorial e complexo, o qual pode causar um efeito aniquilador, visando o futuro das crianças que sofrem com este tipo de violência, caso não haja uma intervenção para estes casos (SAMPAIO, 2015b).

O Brasil vem ocupando a sexta posição no ranking entre os países mais violentos do mundo em relação ao índice de homicídio na população total (NETO, 2005; WAISELFISZ, 2010) e, por se tratar de um tipo de violência que pode ultrapassar os muros e portões das escolas e, se manifestar com comportamentos agressivos entre pares que, não havendo uma estratégia de enfrentamento para redução dos danos por ele causado, poderá subsidiar ações cada vez mais violentas para os agressores e, tornar as vítimas do *bullying*, em vítimas-agressora, perpetuando, dessa maneira, o ciclo de violência, tornando-a cada vez mais comum nesse ambiente escolar que deveria ser um espaço democrático de socialização e aprendizagem.

O *Bullying* impacta de forma negativamente a qualidade da escolarização dos estudantes e sua qualidade de vida. É importante frisar, que embora as condições crônicas de saúde associadas e este fenômeno possam levar tempo até que apareçam questões emocionais severas, como o risco de suicídio e as consequências que ocasionará no meio social como a solidão ocasionada pela vergonha e a desmotivação de voltar a escola e sofrer novamente as agressões, preferindo velar a situação e se retraindo do meio escolar; a raiva a qual pode levar a reprodução

das agressões sofridas para futuros relacionamentos, ampliando e intensificando esse ciclo de ataques (TTOFI; FARRINGTON; 2011 ; JANOSZ et al., 2008).

Em relação as emoções desses alunos vítima desta hostilidade, Roazzi (2011) e Pavarini, Loureiro e Souza (2011) apresentam em seus respectivos trabalhos duas vertentes: as primárias, que são manifestadas pelas próprias pessoas caracterizadas pela raiva, tristeza, medo, entre outras e secundárias, atreladas pelas influências da natureza social e cultural, descritas pela vergonha, culpa, orgulho, dentre outros.

Dessa maneira, é possível que as emoções fomentem as reações e as respostas comportamentais das vítimas de bullying, apontando, então, a necessidade de se investigar essas emoções atreladas à experiência da violência experienciada, a fim de auxiliar a mediação de conflitos, a partir da premissa que o sofrimento vivido influencia a perpetuação desse tipo de violência entre pares no espaço escolar.

O *bullying* é considerado como um problema de grande magnitude que, deve envolver uma abordagem multiprofissional e vem sendo discutido em artigos e, por se tratar de uma violência multifacetada, a sua prevenção e diagnóstico tem se mostrado de difícil compreensão (MARTINEZ, 2011). Neste sentido a enfermagem emerge com a possibilidade de desenvolver ações de enfrentamento uma vez que, em sua formação o trabalho multiprofissional é desenvolvido. Segundo Oliveira et al. (2015), as vítimas de *bullying* podem apresentar um risco maior de desenvolver transtornos sociais ou emocionais na vida adulta, pois a literatura tem demonstrado que esse tipo de violência não se restringe ao momento e, que os agressores se envolvem cada vez mais com situações de violência (FANTE, 2005).

Instituído pelo Decreto nº 6.286, de 5 de dezembro de 2007 o programa Saúde nas escolas (PSE) tem como objetivo enfrentar as vulnerabilidades que comprometem o desenvolvimento das crianças e adolescentes em âmbito escolar na rede pública de ensino assim contribuindo na formação desses estudantes, promovendo ações de promoção, prevenção e atenção à saúde (BRASIL, 2007).

Assim, a enfermagem, capacitada para trabalhar em equipe, pode contribuir com ações de prevenção e promoção da saúde no âmbito da atenção primária atuando na promoção de autonomia, saúde e convívio com as diferenças, bem como no impacto que esse fenômeno exerce nas áreas de aprendizagem, formação, qualidade de vida e saúde (SILVA et al., 2014).

Diante do contexto, o enfermeiro poderá atuar no âmbito escolar oferecendo atendimento integral aos alunos, elaborando e implementando programas *anti-bullying*, junto à escola, atuando desde à detecção de sinais, o diagnóstico e implementação de estratégias a fim de reduzir os problemas que advenham da perpetração e vitimização do *bullying* frente à violência experienciada (SILVA, 2013).

Dentro da perspectiva de que as emoções influenciam as respostas, Yoshinaga (2015), refere que para possibilitar uma melhora do relacionamento interpessoal no contexto escolar e o autocontrole, o enfermeiro pode desenvolver situações educativas envolvendo os estudantes, para que haja a percepção e a compreensão sobre este tipo de violência, buscando respostas positivas e não violentas utilizando a metodologia ativa, mediando conflitos e, por fim, reduzindo situações de agressividade no espaço escolar.

Por se tratar de um fenômeno que causa danos por vezes irreversíveis, compreender sobre as emoções das vítimas viabilizará estratégias de enfrentamento do *bullying* com a finalidade de interromper o ciclo desse tipo de violência, fato que justifica essa investigação.

Este trabalho tem como objetivo geral identificar as emoções relatadas por vítimas de *bullying* e objetivo específico descrever os dados sociodemográficos dos estudantes vítimas de *bullying*.

2 MÉTODO

2.1 Tipo de estudo

Trata-se de um estudo descritivo e transversal, proveniente de uma pesquisa de maior magnitude intitulada: “A atuação da enfermagem no diagnóstico situacional do *Bullying* escolar na Capital Federal”.

2.2 Critérios da seleção

O critério para seleção dos usuários no banco de dados do estudo mencionado foi: Alunos do 6º ao 9º ano de escolas públicas que haviam respondido **sim** para a pergunta: “Você já foi ameaçado, humilhado ou agredido na escola?”, questões que compuseram o questionário, objeto da coleta de dados.

2.3 Amostra

Dos 512 alunos selecionados, em estudo anterior, foram excluídos 263 que relataram nunca terem sofrido *bullying*. Dessa maneira, a amostra do presente estudo foi construída por 249 alunos.

2.4 Variáveis do estudo

2.4.1 Variáveis sociodemográficas

No estudo as variáveis demográficas foram descritas como Parte I do questionário (ANEXO C), sendo contemplada com: Ano escolar matriculado, sexo, idade, se o aluno já havia repetido alguma série/ano e raça.

2.4.2 Variáveis específicas

Foram descritas como variáveis específicas deste estudo 4 questões Parte II do questionário (ANEXO C) já avaliado e aprovado por Sampaio et al (2015).

As questões são sobre a vitimização, o tipo de violência sofrida e o sentimento da vítima quando ameaçado, humilhado ou agredido na escola e, por fim, sobre o que ele acha de estudantes agressores.

2.5 Aspectos éticos

Este estudo faz parte de uma pesquisa de maior magnitude intitulado “A atuação da enfermagem no diagnóstico situacional do *bullying* escolar na Capital Federal, submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Centro Universitário de Brasília –CEP/CEUB sob CAAE de nº 80199617.6.0000.0023 e aprovado sob parecer de nº 2.542.317, de 13/03/2018, respeitando-se as prerrogativas da Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), então vigente na ocasião da análise junto ao CEP. Aos alunos menores de 18 anos, solicitou-se consentimento dos seus pais ou responsáveis legais, mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE e seu assentimento mediante assinatura do Termo de Assentimento - TA.

2.6 Organização dos dados para a análise

A partir da autorização para a utilização do banco de dados (ANEXO A) e a declaração de assumir o compromisso de manter sigilo das informações deste (ANEXO B), foi identificado e extraído do banco original os estudantes que responderam ser vítimas de *bullying*. Para a descrição dos dados foi utilizada a análise descritiva. Os dados foram previamente lançados em uma tabela Excel®, utilizando-se a técnica de dupla digitação.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A emoção é um fenômeno complexo, um processo que envolve todo o organismo, produz dificuldades em sua compreensão. Primeiro por causa da sua própria definição e, segundo, ao compartilhamento do seu significado (ROAZZI et al, 2011). Segundo o autor, o conhecimento acerca das emoções e as experiências pessoais pode propiciar reflexões com a finalidade de permitir ao indivíduo agir melhor sobre elas. A perspectiva é de que, a partir das experiências vivenciadas pelas vítimas, elas possam desenvolver habilidades, a partir de medidas interventivas, para uma resposta não-violenta frente as situações de *bullying*.

Nesse sentido, a presente investigação buscou identificar as emoções apresentadas por vítimas de *bullying*. Entendendo que este fenômeno vem se apresentando como uma das formas mais prejudiciais de violência experienciada por estudantes, devido as consequências vivenciadas pelos envolvidos, em especial as vítimas. Estudos apontam que esse grupo pode sentir raiva, mágoa, sentimento de culpa, enfrentar isolamento social e sequente sentimento de solidão, vivenciar sofrimento psíquico agudo e, de maneira mais grave a ideia suicida e, a tentativa/execução de autoextermínio (BARHIGHT; HUBBARD; HYDE, 2013).

Independentemente da idade, o *bullying* atinge alunos de distintas culturas, classes sociais ou econômicas, não escolhendo escola particular ou pública, ensino médio ou fundamental, área urbana ou rural. Segundo Sampaio (2015a) as consequências do envolvimento em situações de *bullying* podem acompanhar a vida dos alunos e direcionar a maneira que estes atribuem sentidos, significados e/ou respondem às relações sociais.

De acordo com o estudo de Silva et al. (2015), compreender as emoções de estudantes relacionadas às situações de *bullying* pode indicar diretrizes consistentes para o planejamento de intervenções visando propiciar aos estudantes maior conhecimento sobre a forma como reagem emocionalmente nas interações sociais.

A seguir os resultados serão apresentados conforme os objetivos propostos nesse estudo.

3.1 Caracterização dos estudantes vítimas de bullying nas regionais de ensino do Distrito Federal

Tabela 1 - Perfil sociodemográfico dos estudantes (n=249), segundo ano escolar, sexo, idade e cor/raça. Brasília, Distrito Federal, Brasil, 2018.

Variáveis	N	%
Sexo		
Feminino	166	66,66%
Masculino	83	33,34%
Idade		
Entre 10 e 11 anos	64	24,71%
Entre 12 e 13 anos	127	49,34%
Entre 14 e 15 anos	61	23,25%
Entre 16 e 17 anos	02	0,77%
Cor/Raça		
Branca	59	22,7%
Parda	125	48,26%
Preta	32	12,35%
Amarela	07	2,7%
Índigena	21	8,1%
Ano escolar		
6º ano	68	26,25%
7º ano	71	27,41%
8º ano	61	23,55%
9º ano	49	18,91%
Reprovação escolar		
Sim	194	74,9%
Não	64	20,84%

Os dados apontaram maior frequência, frente a identificação das vítimas de *bullying*, de estudantes do sexo feminino (66,66%), na faixa etária de 12 e 13 anos (49%) e aqueles que cursam o 7º ano (30,5%). Quanto a raça/cor, os dados apontaram que os estudantes informaram ser pardos (48,26%) e, em menor proporção indígenas (8,1%).

No que se diz respeito o sexo dos estudantes, os resultados apontaram que as meninas (66,66%) são em sua maioria dos estudantes vítimas de *bullying* e, esse fato, convergem para o estudo realizado por Guimarães et al. (2018) que em seu estudo também apontou a maioria de investigados sobre o bullying, do sexo feminino. Santos et al. (2014), Nova, Sena e Oliveira (2015) e Oliveira (2015) afirmaram, em seus respectivos trabalhos, o envolvimento maior de estudantes do sexo masculino e, ainda afirmaram que os meninos têm mais chances de se envolverem com esse tipo de violência.

Confirmam com os resultados dessa investigação, quanto ao ano escolar, a pesquisa realizada por Sampaio (2015b), que mostrou uma menor frequência nos anos finais e uma maior frequência de vítimas nos anos iniciais do ensino fundamental (6º e 7º anos). Segundo Silva et al (2013) há no *bullying* picos de vulnerabilidade, onde os alunos estão passando por fase de transição na vida escolar deixando-os mais suscetíveis a esses ataques, que na literatura é compreendido como o sexto ano do Ensino Fundamental e primeiro ano do Ensino médio.

De acordo com os resultados, os tipos de manifestação de *bullying* experienciados por vítimas foram, em maior prevalência entre as meninas por apelido (59,63%), seguido de *zoeira* (53,61%) e fofoca (53,01%). Os resultados entre os meninos foram os mesmos que as meninas, exceto o fato do terceiro tipo de manifestação mais frequente, ser algo seu pego sem sua permissão (30,12%). (Tabela 2)

Esses dados tem se mostrado contrários ao que é apresentado pela literatura que afirma que entre os meninos as agressões são mais visíveis por utilizarem com mais frequência a força física, excetuando o fato de utilização desse tipo de violência manifestado nas práticas de extorsões, roubos ou furtos. Os dados apresentaram convergência em relação aos comportamentos agressivos entre as meninas, normalmente são velados, pelo fato de ser mais comum entre o gênero o uso das manifestações de intrigas, fofocas e isolamento. Normalmente, elas praticam o *bullying* dentro do seu círculo de amigas (NASCIMENTO, 2014; FANTE, 2005).

Os dados dessa investigação ainda corroboram com os achados de Moura, Crus e Quevedo (2011) e Silva et al. (2017) que apontaram a agressão verbal a mais prevalente, seguida da agressão física.

Ifanger (2014) identificou em sua pesquisa que dificilmente as agressões verbais são superadas no que tange a perspectiva do *bullying*, e que esse tipo de prática, sendo ela física ou verbal, é uma resposta a intolerância, e que na sociedade moderna é cada vez mais comum se relacionar com alguém considerado diferente quanto a crenças, modo de viver e pensar

ocasionando o aumento dessa intolerância ente pares e, que os atos violentos por muito tempo eram só considerados quando haviam o contato físico, passando despercebidos ou ignorados as consequências que o uso inapropriado de palavras, sejam elas para difamar, levantar falso testemunho, zombar sobre deficiências físicas ou credos religiosos ou até mesmo para intimidações, seriam mais dolorosas do que as próprias marcas deixadas no corpo e que levam à prejuízos bem maiores relacionados aos sentimentos desencadeados pelo ataque.

Tabela 2 - Disposição dos estudantes vítimas de *Bullying* (n=249), segundo gênero e ameaça, agressão ou humilhação sofrida. Brasília, Distrito Federal, Brasil, 2018.

Manifestação	Masculino		Feminino		Total	
	n=83	%	n= 166	%	n=249	%
Apelidos	48	57,83%	99	59,63%	n=147	59,03%
Zoação	46	55,42%	89	53,61%	n=135	54,21%
Fofoca	18	21,68%	88	53,01	n=106	42,57%
Pegaram algo sem permissão	25	30,12%	34	20,48	n=59	23,69%
Isolamento	10	12,04%	42	25,30%	n=52	20,88%
Medo	11	13,25%	24	14,45%	n=35	14,05%
Cyberbullying	03	3,61%	28	16,86%	n=31	12,44%
Humilhação ou xingamento por deficiência	07	8,43%	21	12,65%	n=28	11,24%
Murro ou pontapés	19	22,89%	09	5,42%	n=28	11,24%
Humilhação ou xingamento pela raça	02	2,40%	15	9,03%	n=17	6,82%

A expressão dos sentimentos é um papel fundamental na regulação da vida de uma pessoa, no que tange a expressão de emoções negativas, Denham et al. (2003) afirma que elas podem danificar a qualidade de interação entre os pares. A capacidade de lidar com as emoções as vezes inibe ou canaliza emoções que podem ser prejudiciais a vida social, como no caso das agressões (FRANCO; SANTOS, 2015).

Manifestar a expressão dos sentimentos em algumas culturas, principalmente no gênero masculino, é desencorajado e desaprovado e a habilidade de identificar, reconhecer e nomear

essas emoções refere-se a compressão desses sentimentos (SCHAFFER, 2004; DENHAM et al., 2003).

Com essa desenvoltura de conseguir ter uma compreensão emocional e conseguir nomeá-las, de acordo com Delgado e Contreras (2009) a criança pode adquirir uma interação mais eficaz e adaptadas ao contexto social se ela conseguir expressar seus sentimentos e entender os dos outros.

Quando questionado as vítimas o que eles sentiam após serem agredidos (Tabela 3), foram descritos como sentimento em maior porcentagem o de raiva e tristeza (38,15%), seguido da vontade de não ir mais a escola (30,92%) e negação de sentimento (24,09%).

Tabela 3 - Emoções relatadas pelas vítimas de *bullying* após sua agressão. Brasília, Distrito Federal, Brasil, 2018.

Sentimentos	N	%
Não senti nada	60	24,09%
Fiquei com medo	28	11,24%
Fiquei triste	95	38,15%
Fiquei envergonhado	59	23,69%
Fiquei com raiva	95	38,15%
Senti vontade de não ir mais a escola	77	30,92%

Acerca das emoções provocadas decorrente das agressões de *bullying*, a resposta que mais prevalece entre as vítimas de ambos os sexos foi a raiva e a tristeza, ambas com o mesmo percentual (38,15%) e, se confirmam no estudo de Prodócimo et al. (2009). E quando relacionados as emoções com os tipos de agressões mais sofridas em ambos os sexos, que foram as do tipo verbal: apelidos e *zoação*, nos deparamos novamente com as emoções de tristeza, raiva e vontade de não ir mais a escola sendo as mais prevalentes (Tabela 4)

Cruz (2007) relata que a tristeza pode causar nas crianças, que falham em se comunicar ou expressar seus sentimentos, dores de barriga, dores de cabeça, dores no corpo, o que nem sempre são entendidas pelas crianças e também por aqueles que os cercam, porque não compreendem suas próprias emoções e não conseguem captar estes tipos de sinais e sintomas, e que a tristeza ainda, pode vim associada a agressividade contra si próprio e de forma particular, dar lugar a depressão.

A tristeza é apontada também como um fator de risco para o suicídio, Carvalho (2014) afirma que investir em políticas públicas que visem diminuir a ocorrência do *Bullying*,

consequentemente estaria prevenindo suicídio de crianças e adolescentes em todo o mundo, prevenindo também episódios de “*School Shooting*”, que significa “tiroteio na escola”, que vem também em território nacional e que na maioria das vezes é realizado por uma vítima desse fenômeno em decorrência de seus sentimentos negativos e/ou velados ou ignorados.

Outro fator relevante, vem caracterizado as respostas das crianças/adolescentes em não “sentir vontade de não ir mais à escola”, pode-se relacionar esse sentimento como origem das emoções de vergonha e medo imposto por seus agressores que, segundo Fante (2005), Rolim (2008) e Zequinão et al. (2017) essas emoções podem levar à consequências graves para essas vítimas, podendo ocasionar à evasão escolar, o desinteresse pela escola, déficit de concentração por não querer estar em um ambiente que foi agredido e baixo ou insucesso no desempenho escolar, podendo caracterizar mal desempenho, às grandes taxas de reprovações que nos foi permitido observar na tabela 1.

Quanto a negação dos sentimentos diante a agressão, vem alinhada também ao sentimento de vergonha em expor suas emoções ou a vontade de não transparecer a seus agressores que se importam de serem agredidos na tentativa de que não haja uma segunda ou mais agressões e, isto senão diagnosticado previamente pode levar a conflitos, auto violência e a alienação social (MORRISON, 2006).

Tabela 4 – Prevalência de emoções segundo o tipo de agressão sofrida. Brasília, Distrito Federal, Brasil, 2018.

	Apelidos	%	Zoação	%
	n= 147		n= 135	
Não senti nada	28	19,04%	23	17,03%
Fiquei com medo	15	10,2%	18	13,33%
Fiquei triste	70	47,61%	68	50,37%
Fiquei envergonhado	43	29,25%	45	33,33%
Fiquei com raiva	67	45,57%	64	47,40%
Senti vontade de não ir mais a escola	52	35,37%	55	40,74%

O envolvimento do *bullying* nas escolas pode desencadear emoções que promovam o sofrimento de vítimas e, torna-las agentes perpetuadores desse tipo de violência, quando a raiva é a emoção referida por elas, ou mesmo estimular um comportamento de autodestrutivo, que vai desde o abandono escolar por vergonha e medo até mesmo síndrome do pânico, depressão e ideia de autoextermínio desencadeado por tristeza.

Nesse sentido, os programas de antibullying envolvendo toda comunidade escolar, apoiando essas vítimas, estimulando o respeito mútuo e cooperativo, desenvolvimento de habilidade social entre agressores e participação das testemunhas nos relatos de vítimas que se silenciam, poderão tornar a escola um ambiente prazeroso e estimular nos estudantes respostas positivas frente situações de conflitos.

Nesse contexto, os dados apontaram que 72,96% das vítimas relataram que não gostam dos seus agressores e, ressalta-se que, ainda que em pequena proporção, 2% dessas vítimas apresentaram desejo de ser igual aos seus agressores. Confirmando a possibilidade de fazer esse tipo de violência perdurar no ambiente escolar.

Segundo Janosz et al, (2009) a raiva pode se caracterizar como uma das emoções desencadeada para que esse tipo de violência se perpetue e se intensifique como forma das vítimas se sentirem melhor ou terem a sensação de vingança, agredindo ao próprio agressor ou uma nova vítima, tendo infelizmente o começo de um novo ciclo de agressões.

Tabela 5 - Arranjo dos sentimentos, os quais a vítimas sentem pelo seu agressor (n=249). Brasília, Distrito Federal, Brasil 2018.

Sentimento sobre o agressor	N	%
Não gosto deles	181	72,96%
Tenho raiva deles	174	69,87%
Tenho pena deles	155	62,24%
Não acho nada	43	17,26%
Quero ser como eles	5	2,0%

Apesar de até o momento poucos estudos que trazerem informações sobre a reação e estado emocional de vítimas frente à agressão vivenciada, alguns autores apontam que as emoções podem exercer a função de estímulos para o enfrentamento do *bullying* a partir de uma tentativa de luta ou fuga, afirmando que não gosta ou que sente raiva de seus agressores, utilizando-se dessa ferramenta como uma autodefesa (BARHIGHT; HUBBARD; HYDE, 2013 ; VIE; GLASØ; EINARSEN,2012).

Os resultados das emoções vivenciadas por vítimas de *bullying* apresentados nessa investigação apontam que, a partir do reconhecimento do problema, o qual se apresenta de maneira singular em cada escola, há necessidade de que haja intervenção sobre esse fenômeno no espaço escolar. Pois, segundo Pigozi (2015), as vítimas de *bullying* podem sofrer com depressão, ansiedade, insônia, incontinência urinária, diminuição da performance acadêmica,

agressão a si próprio, pensamentos e tentativas de suicídio entre outros. Fazendo-se necessário a instituição de programas *antibullying*, com estratégias multidisciplinares, intersetoriais, construindo um elo entre saúde e educação, a fim de minimizar as consequências deletérias nos envolvidos com esse tipo de violência entre pares e reduzir a possibilidade de perpetuação do bullying (COSTA; FIGUEIREDO; RIBEIRO, 2013).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conhecer as emoções de vítimas de *bullying* requer um esforço e uma sensibilidade da comunidade escolar (professores, diretores e coordenadores, agente de pátio, família e alunos) no reconhecimento do bullying, a fim de possibilitar intervenção na mediação de conflitos, devido as consequências deletérias desse tipo de violência entre pares.

O estudo demonstrou que a raiva e a tristeza (38,15%) são as emoções mais prevalentes e que este estão associadas na perpetuação do fenômeno do *bullying* e, ao desencadeamento de síndrome do pânico, depressão, ideia suicida e autoextermínio e, para tanto, identificar esse tipo de situação poderá viabilizar ações imediatas para o enfrentamento desse tipo de situação conflituosa, intencional e repetitiva, tornando o fenômeno como um problema de saúde pública, passível de intervenção por meio de prevenção e educação permanente.

Essa violência escolar exige esforços interdisciplinares e intersetoriais para que se atenda integralmente os sujeitos nela envolvida, por ser um problema multifacetado e multicausal exige assim, a compreensão de sua existência como um problema social, e uma interpretação da realidade local. Nesse contexto, emerge a *práxis* do enfermeiro, que busca proporcionar o bem-estar e qualidade de vida do indivíduo e da comunidade, capaz de promover ações interventivas, auxiliando, dessa maneira, a escola.

Com essa pesquisa não se pretende esgotar as discussões sobre a temática, levando em consideração o *bullying*, fenômeno multifacetado que exige reconhecimento de sua dinâmica local para implementação de atividades que visem a sua redução do espaço escolar.

REFERÊNCIAS

- BARHIGHT, L. R.; HUBBARD, J. A.; HYDE, C. T. Children's physiological and emotional reactions to witnessing bullying predict bystander intervention. **Child development**, Bethesda, Maryland, v. 84, n. 1, p. 375-390, aug, 2013.
- BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. **Decreto nº 6.286, de 5 de dezembro de 2007**. Institui o Programa Saúde na Escola - PSE, e dá outras providências. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=1726-saudenaescola-decreto6286-pdf&category_slug=documentos-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 29 dez. 2018.
- CARVALHO, F. A. **Bullying, problemas de comportamento e adversidade familiar em adolescentes de escolas públicas paulistas**. 146 f. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. 2014.
- COSTA, G. M.; FIGUEREDO, R. C.; RIBEIRO, M. S. A importância do enfermeiro junto ao PSE nas ações de educação em saúde em uma escola municipal de Gurupi - TO. **Revista Científica do ITPAC**, Araguaína, v. 6, n. 2, p. 1-12, abr. 2013.
- CRUZ, J. Z. Intencionalidade psicológica em investigação: dar voz a crianças sobre a sua tristeza. **Interacções**, Satarém, Portugal, v. 3, n. 7, p. 65 - 96. maio, 2007.
- DELGADO, E. B.; CONTRERAS, A. F. Desarrollo social y emocional. **Psicología del desarrollo: desde la infancia a la vejez**. Madrid, v.2, p. 35-66, 2009.
- DENHAM, S. et al. Preschool emotional competence: Pathway to social competence?. **Child development**, Bethesda, Maryland, v. 74, n. 1, p. 238-256, feb, 2003.
- FANTE, C.. **Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. 2ª edição. Campinas. Editora Versus, 224 p. mar, 2005
- FRANCO, M.G.S.; SANTOS, N.N. Desenvolvimento da compreensão emocional. **Psicologia: teoria e pesquisa**. Portugal, v. 31, p. 339-348, 2015.
- GUIMARÃES, A. R. C. et al. Bullying no ambiente escolar: conhecer para intervir. In: **Anais do INESC-Mostra Científica do Curso de Medicina**, Patos de Minas, v. 1, n. 1, 2018.
- IFANGER, F.C.A. **A intolerância ao diferente: o problema do Bullying escolar**. 38 f. Tese de doutorado. Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, 2014.
- JANOSZ M. et al. Are there detrimental effects of witnessing school violence in early adolescence?. **Journal of Adolescent Health**, Califórnia, v. 43, n. 6, p. 600-608, apr, 2008.
- KOUWENBERG, M. et al. Peer victimization experienced by children and adolescents who are deaf or hard of hearing. **PLoS One**. United States v. 7, n. 12, p. e52174, dec, 2012

MARTINEZ, F. W. **Bullying no ambiente escolar: a importância de intervir**. Monografia para curso de especialização para professor de Ensino fundamental e médio da Universidade Federal do Paraná. 2011

MORRISON, B. Bullying escolar e justiça restaurativa: compreensão teórica do papel do respeito, orgulho e vergonha. **The Society for the Psychological Study of Social**. Washington, DC, 2006.

MOURA, D. R.; CRUZ A.C. N; QUEVEDO, L. A. Prevalência e características de escolares vítimas de bullying. **Jornal de Pediatria**, Rio de Janeiro, v. 87, n. 1, p.19-23, set 2011.

NASCIMENTO, T. L. N. Bullying: a realidade dolorida de um fenômeno sem distinção de gêneros. **Em Aberto**, Brasília, v. 27, n. 92, jul/dez, 2014.

NOVA, I.S.V.; SENA, C.L.; OLIVEIRA, I.R. Ocorrência do bullying entre alunos de uma escola pública do município de Salvador, Brasil. **Revista de Ciências Médicas e Biológicas**. Salvador, v. 14, n. 3, p. 338-342, set./dez. 2015.

NETO, A. L. A. Bullying – comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de Pediatria**. Rio de Janeiro, v. 81, p. 164–172, 2005.

OLIVEIRA, W. A. et al. Causas del bullying: resultados de la Investigación Nacional de la Salud del Escolar. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 23, n. 2, p. 275-82, 2015.

PIGOZI, P. I.; MACHADO, A. L. Bullying na adolescência: visão panorâmica no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro v. 20, p. 3509-3522, 2015.

PRODÓCIMO, E. et al. Sentimento de vitimização em alunos da rede pública de ensino. In: **X congresso Nacional de Educação – EDUCERE**. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. I seminário Internacional de representações sociais, subjetividade e educação – SIRSSE, 2009.

PAVARINI, G.; LOUREIRO, C.P.; SOUZA, D. H. Compreensão de emoções, aceitação social e avaliação de atributos comportamentais em crianças escolares. **Psicologia: Reflexão e Crítica**. Rio Grande do Sul, v. 24, n. 1, p.135-143. 2011.

ROAZZI, A. et al. O que é emoção? Em busca da organização estrutural do conceito de emoção em crianças. **Psicologia: Reflexão e Crítica**. Rio Grande do Sul, v. 24, n. 1, p. 51-61, 2011.

ROLIM, M. " **Bullying**": o pesadelo da escola, um estudo de caso e notas sobre o que fazer. Porto Alegre, 2008. 168 f. Dissertação de Pós-graduação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Sociologia (Mestrado).

SAMPAIO, J. M. C. **Bullying no contexto escolar: avaliação de um programa de intervenção**. 147 f. Tese de doutorado, aposentando pela à Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP, 2015a.

SAMPAIO, J. M. C. et al. Prevalência de bullying e emoções de estudantes envolvidos. Texto contexto – enferm., Florianópolis, v.24, n. 2, p 344-352, jun., 2015b.

SANTOS, J. A. *et al.* Prevalência e Tipos de Bullying em Escolares Brasileiros de 13 a 17 anos. **Revista de Salud Pública**, Bogotá, v. 16, n. 2, p. 173-183, Apr. 2014.

SCHAFFER, H. R. **Introducing child psychology**. Blackwell Publishing, 2004. Disponível em: <http://psycnet.apa.org/record/2003-88211-000>. Acesso em: 08 out. 2018.

SILVA, D. et al. Vítimas e agressores: manifestações de bullying em alunos do 6º ao 9º ano de escolaridade. **Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental**, Portugal, n. SPE5, p. 57-62, ago, 2017.

SILVA, J. L. et al. Bullying na sala de aula: percepção e intervenção de professores. **Arquivos brasileiros de psicologia**, Rio de Janeiro, v. 65, n. 1, p. 121-137, abr. 2013.

SILVA, J.L. et al. Como você se sente? Emoções de estudantes após praticarem bullying. **Revista Eletrônica de Enfermagem**. Goiânia, v. 17, n. 4, out/dez, 2015.

SILVA, M. A. I. Bullying entre pares na escola: desafio aos enfermeiros que atuam na atenção básica à saúde. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 15, n. 3. P. 603604, jul./set. 2013.

SILVA, M.A.I. et al. O olhar de professores sobre bullying e implicações para atuação de enfermagem. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v.48, n.4, 723-730, jun, 2014.

TTOFI, M.M; FARRINGTON, D.P. Effectiveness of school-based programs to reduce bullying: A systematic and meta-analytic review. **Journal of Experimental Criminology**, Austrália, v. 7, n. 1, p. 27-56, 2011.

VIE TL, GLASØ L, EINARSEN S. How does it feel? Workplace bullying, emotions and musculoskeletal complaints. **Scandinavian Journal of Psychology**, Escandinávia, v. 53, n. 2, p. 165-173, 2012.

WASELFISZ, J. J. Mapa da violência 2010: anatomia dos homicídios no Brasil. **Instituto Sangari**, São Paulo, 2010.

YOSHINAGA, A. C. M. **Bullying e o trabalho do enfermeiro no contexto escolar: validação de um programa de intervenção através do método Delphi**. 2015. 123f. Dissertação (Mestrado) - Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2015.

ZEQUINÃO, M. A. et al. Desempenho escolar e bullying em estudantes em situação de vulnerabilidade social. **Journal of Human Growth and Development**, USP- São Paulo, v. 27, n. 1, p. 19-27, jan, 2017.

ZOTTIS, G. A. H. **Bullying na adolescência: associação entre práticas parentais de disciplina e comportamento agressivo na escola**. 71 f. Porto Alegre, BR- RS, 2012. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012.

ANEXO A – AUTORIZAÇÃO PARA UTILIZAR O BANCO DE DADOS

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UniCEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE – FACES
CURSO DE ENFERMAGEM
CAMPUS DO UNICEUB – ASA NORTE – BRASÍLIA-DF
CEP: 70790-075 – TELEFONE: (061) 3966-1201

Brasília, 10 de Agosto de 2018

Ilma. Sra.

Profa. Dra. Julliane Messias Cordeiro Sampaio

Prezada Senhora

Solicito a autorização para a utilização do banco de dados do trabalho de iniciação científica intitulado: **A atuação da enfermagem no diagnóstico situacional do bullying escolar na capital federal brasileira** sob sua orientação, para o desenvolvimento do projeto de bacharelado em enfermagem intitulado **O perfil de vítimas-agressoras nas regiões de ensino do distrito federal** da bacharel Geovana Rufino de Oliveira, regularmente matriculada no curso de Enfermagem do Centro Universitário de Brasília- UniCEUB.

Sem mais para o momento, subscreve-nos.

Atenciosamente,

Geovana Rufino de Oliveira

Eu Julliane Messias Cordeiro Sampaio, autorizo a utilização do banco de dado mediante a assinatura do termo de compromisso em assumir sigilo e confidencialidade.



Julliane Messias Cordeiro

**ANEXO B – TERMO DE COMPROMISSO EM ASSUMIR SIGILO E
CONFIDENCIALIDADE**

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UniCEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE – FACES
CURSO DE ENFERMAGEM
CAMPUS DO UNICEUB – ASA NORTE – BRASÍLIA-DF
CEP: 70790-075 – TELEFONE: (061) 3966-1201

Brasília, 10 de Agosto de 2018

Ilma. Sra.

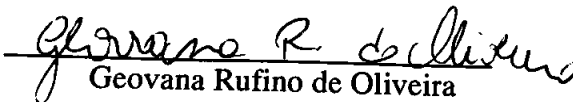
Profa. Dra. Julliane Messias Cordeiro Sampaio

Prezada Senhora

Eu, **Geovana Rufino de Oliveira**, regularmente matriculada no curso de Enfermagem do Centro Universitário de Brasília- UniCEUB, assumo a responsabilidade de manter sigilo sobre os dados coletados da pesquisa intitulada **A atuação da enfermagem no diagnóstico situacional do bullying escolar na capital federal brasileira** pela Dra. Julliane Messias Cordeiro Sampaio, bem como solicitar a autorização para publicações advindas desta pesquisa.

Sem mais para o momento, subscreve-nos.

Atenciosamente


Geovana Rufino de Oliveira

ANEXO C – QUESTIONÁRIO

Questionário

Bullying no contexto escolar: proposta e avaliação de um programa de intervenção.

MARQUE COM UM X OU ESCREVA AS RESPOSTAS NAS LINHAS

Parte I

1. Em que série (ano) escolar você está?

5() 6() 7() 8()

2. Você é do sexo

feminino (1) masculino (2)

3. Quantos anos você tem?

10() 11() 12() 13() 14() 15() 16() 17()
anos

4. Você já repetiu de ano/série alguma vez?

() nunca reprovei
() já reprovei

5. Qual a sua cor/raça?

() branca () preta () parda () amarela
() indígena

Parte II

1. Você já foi ameaçado, humilhado ou agredido na escola?

() ninguém nunca me ameaçou, me humilhou ou me agrediu na escola
() sim (≥3 vezes)

Caso você tenha respondido ninguém nunca me ameaçou, me humilhou ou me agrediu na escola na pergunta anterior (pergunta nº 1) vá direto para a pergunta nº10, pulando as perguntas de 2 a 9.

Se você respondeu sim continue respondendo a partir da próxima pergunta (pergunta nº 2)

2. Quando foi a última vez que te ameaçaram, te humilharam ou te agrediram na escola?

() nos últimos 06 meses
() há mais de 06 meses

3. O que fizeram com você? Se quiser pode marcar mais de uma resposta.

() me bateram, me deram murros ou pontapés
() me puseram apelido
() ficaram zuaando de mim
() falaram coisas de mim, fazendo fofoca
() pegaram alguma coisa minha sem a minha permissão
() falaram de mim pela internet ou por mensagens do celular
() me puseram medo
() me isolaram ou me deixaram sozinho
() me humilharam ou me xingaram por causa da cor da minha pele
() me humilharam ou me xingaram por causa de algum problema que tenho. Qual problema?_____

4. Em que lugar isso acontece ou aconteceu? Pode marcar mais de um lugar se quiser.

() na sala de aula
() no recreio
() no banheiro
() na porta da escola
() nos corredores da escola
() no refeitório
() no caminho de casa
() em outro lugar – Qual? Diga o lugar_____

5. Você contou para alguém quando isso aconteceu?

() Não contei
() sim, disse aos meus amigos
() sim, disse ao professor, ao coordenador ou funcionário da escola
() sim, disse ao meu pai ou a minha mãe
() sim, à outras pessoas da minha família

6. Quando você contou à alguém que te ameaçaram, te humilharam ou te agrediram, o que aconteceu?

() não contei nada à ninguém

- a pessoa para quem eu contei não acreditou em mim
- a pessoa para quem eu contei não fez nada
- a pessoa para quem eu contei conversou
- a pessoa para quem eu contei chamou a atenção do meu colega
- a pessoa para quem eu contei me ajudou de outra forma. Qual? _____

7. Qual a idade dos alunos que te ameaçaram, te maltrataram, te humilharam ou te agrediram na escola? Pode marcar mais de uma resposta se quiser.

- são da minha idade
- são mais novos do que eu
- são mais velhos do que eu

8. Qual é o sexo do aluno que te ameaçou, te maltratou, te humilhou ou te agrediu na escola?

- são meninos
- são meninas
- são meninos e meninas

9. Como você se sentiu ao ser ameaçado, humilhado ou agredido na escola? Se quiser pode marcar mais de uma resposta.

- não senti nada
- fiquei com medo
- fiquei triste
- fiquei envergonhado
- fiquei com raiva
- senti vontade de não ir mais para a escola

10. O que você acha de alguém que maltrata, ameaça, humilha ou agride aos outros na escola?

- não acho nada
- não gosto deles
- tenho pena deles
- quero ser como eles
- tenho raiva deles

Caso você tenha respondido eu nunca ameacei, humilhei ou agredi outro colega na escola na pergunta anterior (pergunta nº 1) não precisa responder as outras perguntas abaixo.

Se você respondeu sim continue respondendo a partir da próxima pergunta (pergunta nº 2)

2. O que você fez? Se quiser pode marcar mais de uma resposta

- eu bati, dei murros ou pontapés
- eu coloquei apelido em alguém
- eu fiquei zuando por causa deste apelido
- eu fiz fofoca de um colega
- peguei alguma coisa de um colega sem permissão
- falei mal de um colega pela internet ou por mensagens do celular
- coloquei medo no colega
- isolei ou deixei meu colega de lado
- xinguei ou zuei um colega por causa da sua cor de pele
- xinguei ou zuei um colega por causa de algum problema que ele tem. Qual problema?_____

3. Quando foi a ultima vez que você ameaçou, maltratou, humilhou ou agrediu um colega na escola?

- nos últimos 06 meses
- há mais de 06 meses

4. Como você se sentiu quando você maltratou, humilhou ou agrediu alguém na escola?

- não senti nada
- senti medo
- senti tristeza
- senti vergonha
- senti raiva
- senti vontade de não ir mais para a escola

Parte III

1. Você alguma vez ameaçou, maltratou, humilhou ou agrediu outro colega na escola?

- não
- sim (≥3 vezes)

